

UMA  
BRIGA  
ANTIGA

Rubem Braga

Um livro que vai levantar muitas discussões e esse de Afonso Arinos de Melo Franco «A Escalada», que José Olimpio lança por ocasião do 60 aniversário do autor.

Tem Afonso Arinos a coragem de escrever suas memórias de tempos recentes, pois o relato vem até o momento em que Jânio Quadros o convida para ministro do Exterior.

Ainda não li o livro, mas nesta manhã de sábado em que escrevo, antes de sair para o fim de semana, passo os olhos nas páginas em que sou citado, e leio o trecho sobre a tormentosa eleição da diretoria da Associação Brasileira de Escritores, em abril de 1949.

Afonso era candidato à presidência, e não se sabe porque cargas d'água resolveram os comunistas vetá-lo, quando o normal na ocasião seria compor uma chapa em que escritores de várias tendências se juntassem em uma diretoria que pudesse trabalhar para o bem comum. O fato é que se chegou a um ponto em que era inevitável o choque entre a chapa organizada pelos comunistas e a de Afonso. Uma questão a decidir era se valeriam os votos por procuração. A decisão coube à mesa eleita pela assembléia geral, que tinha Castro Rebelo como presidente e este cronista como um de seus secretários. Ao contrário do que escreve Afonso, não foi apenas por um «princípio imemorial de direito» que se resolveu aceitar os votos por procuração. Resolvemos aceitar esses votos porque, para evitar dúvidas e conflitos derivados da omissão dos estatutos, estes e outros pontos tinham sido acertados em uma reunião prévia, de que participaram os antigos diretores e conselheiros comunistas. Ficara estabelecida, e por escrito, com a assinatura de todos, inclusive dos comunistas, que os votos por procuração valeriam. Na hora, vendo que eram maioria a dos presentes, os comunistas (aqueles mesmos que tinham assinado o documento) resolveram impugnar os votos por procuração: o acordo anteriormente firmado para evitar questões, não teria a menor importância, pois a assembléia geral era soberana e a ela cabia decidir... Mas a mesa, por maioria, votou pela validade das procurações, e a chapa Afonso venceu.

Quanto ao episódio da posse, não me lembro de ter durado «várias horas». A ameaça física dos comunistas criou, na verdade, um impasse, até que tive a súbita inspiração de propor um acordo, já não me lembro em que termos precisos; lembro-me apenas de que, segundo, esse acordo, ficaria sob a minha guarda a ata da assembléia geral que eu, por sinal, lavrara erradamente no livro das atas de reuniões da diretoria. O fato é que fiquei com esse livro. E quando todos resolvemos sair da ABDE, deixando-a entregue aos comunistas e seus associados no episódio, recebi uma intimação pública e malcriada para devolver o livro, feita pela diretoria empossada pelos comunistas. Respondi com outro desafio — e até hoje tenho em meu poder esse famoso livro...

A ABDE caminhou logicamente para a extinção, pois perdeu toda importância, ficando sendo apenas uma fábriquete de manifestos e protestos editados pelo PCB. Soube-se depois que a direção do PCB, em uma de suas clássicas autocriticas, reconheceu o erro dos comunistas da ABDE rompendo a possibilidade de diálogo com os escritores democratas e assim condenando à morte uma associação de classe que poderia prestar grandes serviços a todos. Mas era tarde...

DN - 5.12.65